

OS EMBAIXADORES

Luiz Antonio de Assis Brasil

Porto Alegre, Novembro de 2018

Os ensaios de Luiz-Olyntho Telles da Silva, em *Os embaixadores*, possuem verdade e força, e têm o encanto da descoberta da minúcia. Sua *Apresentação* é um voo em grande altura sobre nossa literatura, uma peça original e que, em pouco, diz muito acerca de nosso *corpus* literário, mostrando que há, sim, universalidade no que escrevemos – e isso é, e sempre foi, a melhor marca de originalidade estética.

Seus estudos sobre meus romances *Música Perdida* e *O inverno e depois*, realizam ambos uma crítica cultural ampla, abrangendo domínios que perpassam praticamente todas as formas de expressão do ser humano. São as críticas, em especial ao *O inverno*, que eu sempre esperei que escrevessem. Essa expectativa, até agora, não fora contemplada. Na verdade, eu esperei demais, porque sei das dificuldades do meu texto, quase criptografado e cheio e referências sutilíssimas, algumas das quais francamente impenetráveis. E, no entanto, surgiu o crítico atento, inteligente e culto, que soube trazer à luz as névoas desses palimpsestos. Particularmente me impressionou a análise psicológica de Julius, um dos personagens mais complexos que eu quis criar, e que foi pego com a referência ao “homem sem qualidades”. Era isso mesmo que eu queria dizer dele. Parabéns por esse magnífico achado hermenêutico.

Idem quanto ao “meu” Mendanha, que saiu limpo, escovado e esmaltado. Tenho muito carinho por ele.

Quero referir também à fuga ao clichê interpretativo que põe meus livros debaixo do precário guarda-chuva do “romance histórico”. O viés interpretativo da crítica, em *Os Embaixadores*, passa ao largo dessa simplificação. Ademais, escapa com galhardia ao “biografismo literário”, que não leva a nada — e haveria mil tentações nesse sentido, assombrando a mesa de trabalho do crítico.

E que trabalho escrever isso tudo! Não na parte reflexiva, conceitual, que isso para um crítico instruído não é problema, mas falo em trabalho braçal, de escrita, porque são muitas e muitas páginas, no total. Isso demandou imensas horas que, percebo e me consola, não foram tão inóspitas de serem passadas.

Estou realizado, como autor desses dois livros, e estimulado a seguir na escrita de uma novela que vai adiantada, cujo título é *Leopold* e tem como protagonista

ele sim, *Leopold Mozart*, o pai, um legítimo homem do Iluminismo. Mas essa é outra história, literalmente.